



DESEMPREGO E SEUS IMPACTOS NA RENDA DAS FAMÍLIAS MACAENSES

Felipe Dias Ramos Loureiro¹

1. INTRODUÇÃO

Ao considerarmos que o momento econômico vivenciado pela população macaense configura-se como uma "crise do emprego", é necessário compreender que esse não se expressa por um desemprego em massa, mas, sim, por outras perspectivas sobre o emprego em si. O número de desempregados cresceu, mas o que de fato tem impactado a vida dos cidadãos macaenses é uma nova forma de se relacionar com o trabalho e a empresa. Por um lado, há uma acentuada queda no nível dos rendimentos, por outro, observam-se contratações pautadas em ordenamentos legais mais flexíveis, fora uma grande parcela que encontrou sustento na economia informal. Além disso, as empresas e os empregos estáveis, pelos quais poderia se fazer uma carreira para a vida inteira, parece algo impalpável.

Entretanto, é importante ressaltar que mesmo com o rebaixamento da renda média mensal das famílias, calculada tendo por unidade o número de salários mínimos equivalentes ao valor médio recebido pelos ocupados no período, é possível observar que o município tem assumido a liderança no *ranking* das cidades com maior salário médio mensal no estado do Rio de Janeiro e no Brasil. Nessa perspectiva, conforme dados do IBGE, Macaé permanece ocupando os primeiros postos no quesito renda média, sendo notável sua liderança na região. Dentro desse quadro, desenvolveremos uma análise sobre as relações entre estruturas familiares e mercado de trabalho, observando o comportamento do desemprego e do rendimento nominal mensal *per capita*. Em seguida, serão identificados quais tipos de famílias vêm sendo mais afetados por esses processos. A análise enfatizará a evolução do desemprego crescente, observando em que medida a queda no nível de atividade, mais expressamente observada no ano 2016, acompanha a redução da quantidade de ocupados e o rendimento médio real recebido pelos trabalhadores. Finalmente, será problematizada a hipótese de que a grave crise atual do desemprego no município não provocou uma redução significativa na renda familiar, analisando as características da economia local e os impactos provocados pela reestruturação produtiva no bem estar das famílias macaenses.

2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Este trabalho pauta-se sob um corpus teórico composto por alguns autores importantes como: Elisabeth Roudinesco em "Família em desordem" (2003); Francisco de Oliveira em "O elo perdido" (1987); Henry Lefebvre em "O direito à cidade" (1964); Phillipe Ariés em "História social da criança e da família" (1978); Zigmunt Bauman em "Ética pós-moderna" (1997) e "Mal-estar da pós-modernidade" (1998); e Robert Castel em "As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário" (2003).

A discussão desses autores iluminará a análise dos dados que compõem o corpus analítico deste capítulo, obtidos por meio de pesquisas do IBGE e dos registros publicados pelo Ministério do Trabalho no CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Este último foi instituído pelo Ministério do Trabalho e Emprego, pela Lei 4.923/65, visando controlar as admissões e demissões de empregados sob o regime da CLT de forma permanente. Dessa maneira, pode-se destacar que os dados observados no cadastro denotam uma dinâmica social e econômica complexa que pode ser melhor compreendida pelo uso de ferramentas analíticas diversas.

A análise inicia-se pela própria compreensão do que é a família, reconhecendo que esse não é um fenômeno originário da modernidade, na verdade, antropólogos, como, por exemplo, Claude Levy Strauss (1956) e Malinovski (1948), encontraram estruturas familiares em diversas tipos organizações sociais. Em geral, tal forma de organizar a vida baseia-se em dois pilares: a ligação entre duas pessoas e a geração de filhos. Nesse sentido, é observável que, para que haja família, é preciso haver duas outras famílias precedentes, oferecendo dois indivíduos, para assim engendrar outra família.

Dentro dessa perspectiva, nossa diferença mais fundamental em relação aos animais reside no fato de que, na espécie humana, é inimaginável a existência de uma família fora da sociedade: "[...] isto é, sem uma pluralidade de famílias prontas a reconhecer que existem outros laços além dos de consanguinidade, e que o processo natural da filiação somente pode prosseguir através do processo social da aliança" (ROUDINESCO, 2003, p. 10). Apesar de ser possível perceber a existência de outras possibilidades de arranjo familiar, até a modernidade a ordem apresentada acima é a que de fato surgia como padrão normal de família, sem que deixassem de existir outros modelos familiares.

Sobre essa questão é importante destacar a obra de Francisco de Oliveira, "O elo perdido" (1987), em que o autor analisa o processo de formação da classe trabalhadora no Brasil, tendo como hipótese a noção de "classe inacabada". Nesse sentido, ele percebe que a classe trabalhadora é inacabada em virtude de não ter havido uma constituição de classe para si, tendo ocorrido apenas a formação da classe trabalhadora em si. Convém destacar que o trabalhador percebe-se enquanto tal, mas não como um participante de grupo social que condiciona sua existência.

É importante ressaltar dois pontos no trabalho de Oliveira (1987) que foram fundamentais para iniciar este diálogo: primeiramente seu método e em segundo plano as possibilidades entre o caso que o autor estuda e o que se observa em Macaé. Quando o autor trata da chegada da Petrobras a Salvador com seu corpo de funcionários bem remunerados e com o respeito às leis trabalhistas, nota-se que não ocorreu de fato a incorporação desses à classe trabalhadora, essa é ampliada e complexificada, mas não se torna consciente de sua situação de classe.

O processo histórico vivenciado na capital baiana é semelhante ao experimentado em Macaé. A Petrobras chegou no município em 1975 e em 1977 começou a prospecção de petróleo. A região tornou-se parte determinante para o avanço da Petrobras, devido às grandes reservas petrolíferas nos campos situados na plataforma marítima Norte Fluminense.

O município, que antes era basicamente formado por uma elite proprietária de terras, por trabalhadores da Rede Ferroviária Fluminense, pescadores e lavradores, experimenta novos tipos de interações sociais e processos econômicos, diante de um avanço capitalista que, junto à Petrobras, trouxe muitas outras empresas que atuam de diversas maneiras no setor de óleo e gás. Portanto, aos trabalhadores locais se juntam aos

funcionários da Petrobras, funcionários de indústrias que fornecem equipamentos para a prospecção e imigrantes de todo o estado do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia.

Regressando ao texto de Oliveira (1987) é preocupação essencial das ciências humanas e sociais entender como a sociedade se organiza. O autor optou por entender como a sociedade se estrutura a partir de seus movimentos, não identificando as classes sociais como um dado. Dessa maneira, destaca-se a adoção do método marxista de análise, posto que ele possibilita entender a dinâmica social, ou seja, reconhece o teor relacional da sociedade.

Partindo desse pressuposto, embora a chegada da Petrobras e de outras empresas a Macaé e a Salvador forme uma classe em si, essa classe é inacabada, posto que os movimentos e a dinâmica social faz com que o nosso reconhecimento se dê diante do outro.

Por ser uma empresa pública, não há a presença física, ou melhor, simbólica de um burguês que balize a luta de classes. Isso dificulta, nesse sentido, a formação daquela classe para o outro. Para além desse fato, as políticas sociais engendradas por Vargas e mantidas, ainda que mais frágeis, no período subsequente, diferenciam os trabalhadores da Petrobras dos outros existentes no local. Tanto em Salvador quanto em Macaé, os salários eram mais altos e os diversos direitos e benefícios garantidos colocavam esses trabalhadores em uma situação imensamente distinta da classe trabalhadora em geral. Adiciona-se a isso, também, o fato de que a atividade de exploração de petróleo reúne, em geral, empresas multifuncionais, então, dentro delas ocorre a ausência do burguês.

Junto às diversas empresas recém-chegadas à região para participar na produção de petróleo, vieram trabalhadores especializados que, embora tivessem uma relação com um burguês, assemelhavam-se em condições de vida aos funcionários da Petrobras e até mesmo à elite local já estabelecida. As burguesias proprietárias dos novos capitais não aparecem nem física nem socialmente, não são reconhecidas no contexto das relações de classe em Salvador. (OLIVEIRA, 1987, p. 75). É assim, também, em Macaé.

Dentro dessa perspectiva, imigrantes, pescadores e pequenos proprietários veem-se diante de uma situação temerosa. Posto que, sua inserção na sociedade local, pautada na exploração de petróleo, se dá de maneira hierarquizada, afetando, dessa maneira, sua própria inserção na cidade.

O que se vê a partir dos anos 1990 é o fortalecimento de um arranjo político formado por membros da elite proprietária de terras com os dirigentes e funcionários médios da Petrobras e das empresas desse setor. Enquanto isso, um processo de favelização assombroso se desenrola no bojo da chegada incessante de imigrantes.

3. O CENÁRIO TRABALHISTA

Os problemas vivenciados em Macaé raramente são exclusividades desse município, pois tratam-se de um conjunto de ações econômicas vinculadas à dinâmica capitalista nacional e internacional. Dessa maneira, a queda de preços do barril de petróleo no mercado externo ou algum escândalo político revelado no seio da Petrobras podem afetar diretamente o cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras macaenses. Nesse sentido, a Fundação Getúlio Vargas pesquisou as variações no cenário da empregabilidade no estado do Rio de Janeiro.

Há três anos, o desemprego no município era em torno de 4% da população economicamente ativa. Já no final de 2016, a situação era completamente diferente, com 10,4% da população desocupada. Refletindo o comportamento geral do mercado de trabalho do país nos últimos meses, o desemprego no município do Rio de Janeiro chegou a 11,4% da população economicamente ativa no primeiro trimestre de 2017. É a maior taxa de desemprego que o IBGE levantou para o município desde 2012, quando a Pnad passou a ser divulgada por nova metodologia de pesquisa.

As taxas da região metropolitana e do estado mantêm-se em patamar significativamente mais elevado, acima de 14% de desemprego, superando a cifra nacional (13,7%). Embora mais baixo, o desemprego no município começa a se aproximar do nível nacional. Esse quadro é bem diferente de meados de 2015, quando o desemprego no município chegou a ser metade do nacional e manteve-se em queda por mais tempo — seis meses — enquanto subia a desocupação no país, no estado e na região metropolitana². (FGV, 2017).

Depois de reconhecer que o desemprego se tornou um problema nacional, tendo no estado do Rio de Janeiro um exemplo destacado, cabe analisar como tal processo afeta a realidade do povo macaense. Assim, cabe ressaltar que um dos fatores que mais contribuíram para construir tal cenário foi o fechamento de grandes empresas ligadas ao setor petrolífero, que não apenas geravam muitos postos de trabalho, mas garantiam um nível de renda mais elevado. Vide a matéria do *Jornal Valor Econômico*, de 06 de fevereiro de 2016:

Capital brasileira do petróleo, a cidade de Macaé (RJ), na região Norte Fluminense, está vivendo uma onda de fechamento de empresas fornecedoras de serviços para a indústria petrolífera. Companhias como a SubSea7, Schahin, Dolphin Drilling, MI Swaco (da Schlumberger), Oil States e Distribution Now fecharam as portas de suas unidades na cidade. Outras grandes multinacionais, como a Halliburton, Schlumberger e Weatherford estão reduzindo a atividade no Brasil em resposta à queda dos investimentos da Petrobras, segundo levantamento da Prefeitura de Macaé³.

A reportagem acima destaca o fechamento de grandes *players* da economia petrolífera mundial, a fuga dessas empresas com grande capacidade de investimento seria impactante para qualquer região do mundo. Em Macaé, cidade que se destradicionalizou e experimentou o florescer de uma nova identidade, muito vinculada ao progresso econômico desse setor, os efeitos foram ainda mais profundos. Nesse sentido, convém ressaltar algumas particularidades desse setor:

A indústria do petróleo, embora classificada como extrativa mineral, é especial, pois as características físico-químicas do petróleo na natureza exigem, para sua exploração e produção, atividades de grande complexidade tecnológica, vasta pluralidade de tecnologias empregadas nas fases de sondagem e perfuração e extensa base multidisciplinar de conhecimento (geofísica, sismologia, modelagem, resistência de materiais) (PINTO JUNIOR *et al.*, 2007, p. 45).

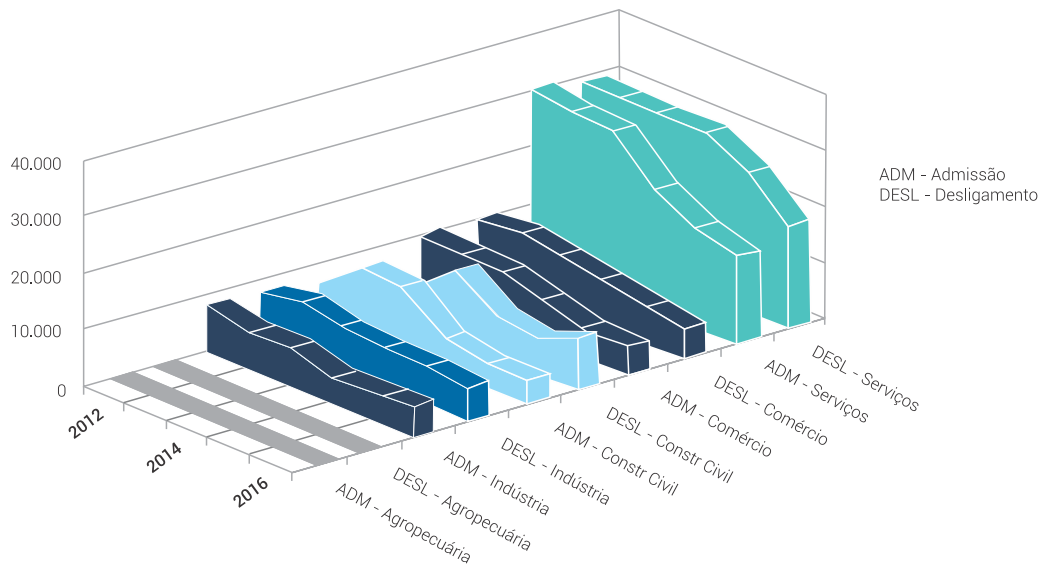
Ao aprofundar ainda mais essa questão notadamente complexa, é possível perceber certa reação em cadeia, ao passo que, além do desemprego decorrente da crise no setor extrativista mineral, ocorre também uma fuga de mão de obra qualificada, diminuição da arrecadação municipal, queda no nível de renda e o desemprego indiretamente vinculado a essas empresas e seus funcionários. Um dos setores afetados por esse processo foi o hoteleiro. Diversos hotéis que concentravam suas demandas no chamado “turismo de negócios” foram falindo, ou se reestruturando, consumindo menos mão de obra.

O fechamento das portas do hotel da Praia Campista deixa, em situação de insegurança, cerca de 50 profissionais, quadro mantido por grandes hotéis em funcionamento pleno, cenário visto em Macaé até 2014. Outras unidades da cidade também planejam demissões, reduzindo cerca de 35% a 45% do total de empregados em atividade no momento. Nos últimos três anos, muitos hotéis e pousadas da cidade que atendiam empresas prestadoras de serviços para a Bacia de Campos, reduziram funcionários e cortaram despesas. Alguns chegaram a desativar andares completos, para tentar superar o cenário da crise, cuja tempestade começa a dissipar diante das novas previsões do mercado do petróleo. Na virada do ano, outro grande hotel da cidade passou por mudanças de gestão. O Sheraton Four Points, situado no alto do Bairro da Glória, um dos principais símbolos do progresso do petróleo na cidade, mudou de 'bandeira', e passou a ser administrado pela rede Grand Nobile.

A expectativa é que o mesmo ocorra com o hotel da rede Mércure, que fechou as portas no último dia 30. Embora pessoas ligadas ao setor de hospedagem afirmem que outra empresa assumirá a gestão da unidade, ainda não há previsão de quando isso aconteça. Atualmente, Macaé possui 102 empresas dedicadas ao setor de hospedagem, que somam juntas cerca de 7,7 mil vagas, de acordo com dados consolidados pelo Convention and Visitors Bureau (CVB). Apesar da crise, investir na rede hoteleira de Macaé ainda é um grande negócio⁴. (Jornal O Debate, 4 de julho de 2017).

Percebe-se em Macaé uma dinâmica complexa em que não basta concluir que o desemprego decresceu (Gráfico 1).

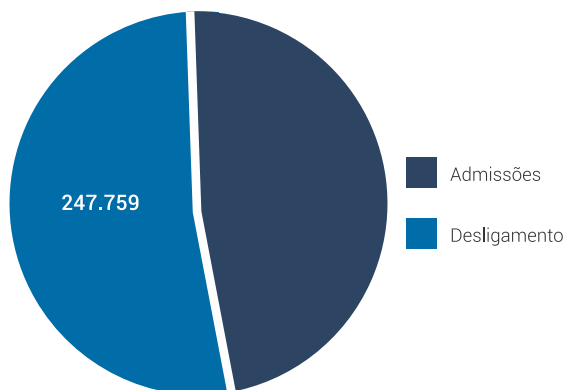
Gráfico 1 - Evolução das admissões e desligamentos em Macaé - 2012/ 2017



Fonte: CAGED/ MTE, 2018.

O próprio status do emprego modificou-se, o modelo de contratação está mudando, trabalhadores desligados de suas empresas não se tornaram necessariamente desempregados, pois alguns emigraram para outras cidades ou estados, outros tantos encontraram sustento em atividades não formais, como por exemplo, dirigir veículos da Uber, comércio de produtos artesanais, empreendedorismo em geral. Entretanto, mesmo os que conseguiram recolocação, até os que mantiveram seus empregos, têm se defrontado com vencimentos inferiores e menos benefícios. Dentro dessa perspectiva, alguns dados advindos do CAGED, exemplificam o que está sendo tratado neste texto (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Relação entre admissões e desligamentos - 2013 e 2017

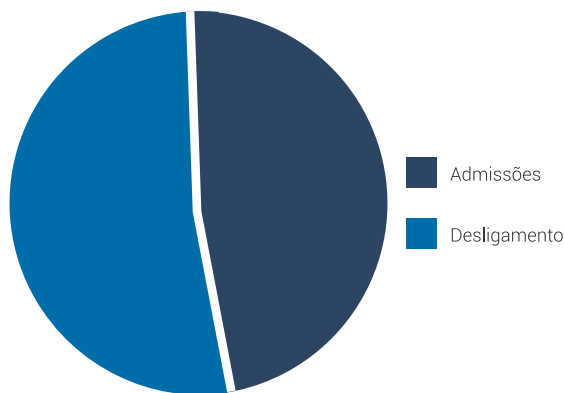


Fonte: CAGED/ MTE.

O Ministério do Trabalho e Emprego constatou que entre Janeiro de 2013 e Dezembro de 2017 houve menos admissões (218.975) que desligamentos (247.759) no município, ressaltando que tais dados tratam apenas de contratos trabalhistas formais. A diferença entre esses dois polos, entretanto, não consolidam uma crise do emprego, embora o resultado seja negativo. Dentro dessa perspectiva, é importante ressaltar que os dados acima abordam todos os setores, faixas etárias e salariais possíveis. Portanto, outros gráficos mais estratificados também serão utilizados.

Os dados relativos ao setor mais diretamente vinculado à exploração petrolífera revelam uma performance semelhante aos dos dados totais do município. A proporção entre admissões (27.931) e desligamentos (31.680) segue a tendência geral encontrada na cidade (Gráfico 3). Entretanto, nem todos os setores mantêm resultados tão coerentes em relação ao resultado municipal. O mesmo processo pode ser observado em relação às classificações de faixa etária e salarial. Os números demonstram que a crise econômica e o mal-estar social não afetam igualmente diferentes segmentos sociais.

Gráfico 3 - Relação entre admissões e desligamentos no setor "Indústria de Transformação"

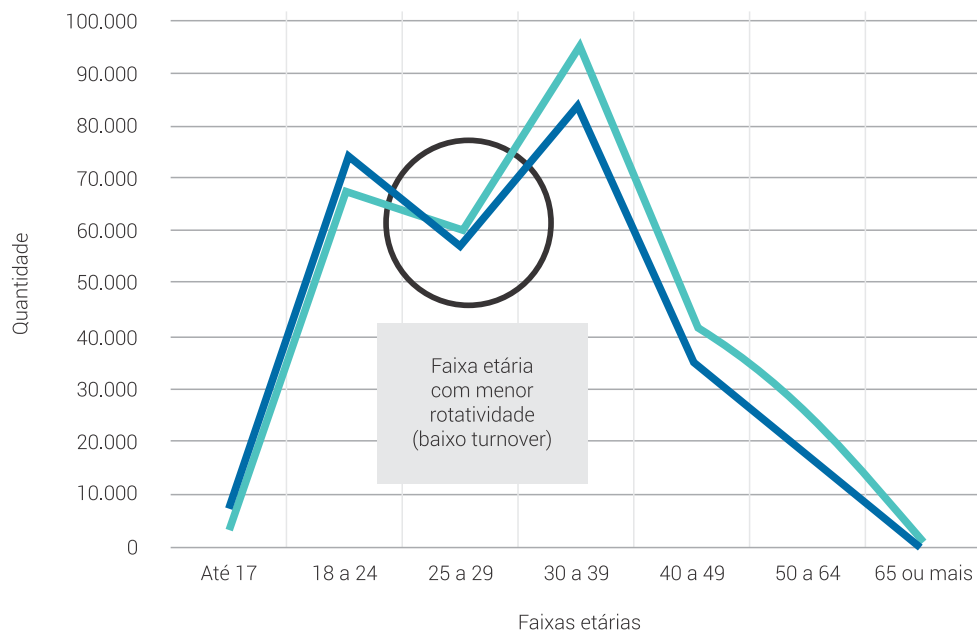


Fonte: CAGED/ MTE, 2018.

Com a leitura do Gráfico 4 é possível observar que o desemprego afeta mais diretamente os trabalhadores entre 18 e 39 anos, altos índices de desligamentos e admissões podem ser facilmente observados. Enquanto isso, jovens aprendizes e trabalhadores com idade mais avançada apresentam índices mais baixos, obviamente, tal informação tem relação com a população economicamente ativa em cada uma das faixas etárias. Dessa forma, como a maioria da massa de trabalhadores está situada na faixa entre 20 e 40 anos, qualquer resultado parece determinante no gráfico.

Convém destacar que sendo aquela faixa etária a mais afetada, tal fato é preocupante, afinal, as famílias em regra dependem de trabalhadores e trabalhadoras circunscritos nessa faixa etária ampliada. Nesse sentido, o trabalhador desempregado precisa ser percebido dentro do seu contexto social, considerando a capacidade de sustentar os filhos e a contribuição do cônjuge na renda familiar.

Gráfico 4 – Admissões e desligamentos de 2012 a 2017 por faixas etárias



Fonte: CAGED/MTE, 2018.

4. CONCLUSÃO

O que percebemos neste capítulo não denota uma crise generalizada, na qual massas vagam nas ruas desocupadas e sem perspectiva. Houve até um momento em que algumas imagens fizeram os macaenses vislumbrarem tal possibilidade: trabalhadores desempregados com placas onde escreviam as certificações e experiências que possuíam e ficavam nas ruas perto das empresas oferecendo seus serviços. Entretanto, os cenários mais caóticos não se consolidaram e é possível observar uma readequação da população macaense à nova dinâmica do trabalho. Entretanto, dados do CAGED, investigados e catalogados por Rosélia Piquet, Érica Tavares e José Monteiro Pessoa (2017) corroboram algumas percepções apontadas anteriormente.

Tabela 1: Distribuição dos postos de emprego formal no estado do Rio de Janeiro por regiões - 2010, 2014 e 2016

REGIÕES	NÚMERO DE TRABALHADORES			DISTRIBUIÇÃO (%)		
	2010	2014	2016	2010	2014	2016
Nordeste	40.471	46.190	44.694	1,2	1,2	1,2
Norte	216.994	253.214	230.653	6,2	6,4	6,0
Centro	99.289	111.412	106.994	2,8	2,8	2,8
Baixadas	106.868	122.366	119.843	3,0	3,1	3,1
Sul	219.744	238.660	223.751	6,3	6,0	5,9
Serrana	74.580	86.113	85.200	2,1	2,2	2,2
Metropolitana	2.754.148	3.123.390	3.007.075	78,4	78,5	78,8
Total	3.512.094	3.981.345	3.818.210	100,0	100,0	100,0

Fonte: CAGED/ Ministério do Trabalho e Emprego, 2018.

Tabela 2: Distribuição dos postos de emprego do setor petrolífero no estado do Rio de Janeiro por regiões - 2010, 2014 e 2016

REGIÕES	2010	2014	2016	2010	2014	2016
Norte (+ Rio das Ostras)	32.158	38.532	34.452	53%	50%	49%
Metropolitana	29.174	36.598	34.862	47%	48%	49%
Demais regiões	1.034	1.369	1.148	2%	2%	2%
Total	62.366	76.499	70.462	100	100	100

Fonte: CAGED/ Ministério do Trabalho e Emprego, 2018.

5

Apesar desses dados tratarem sobre toda a Região Norte Fluminense, incluindo Rio das Ostras, reconhecemos que Macaé tem sido o polo dinamizador da economia regional. Dentro dessa perspectiva, por mais que a queda do número de trabalhadores empregados na região tenha caído entre 2015 e 2016, a participação do setor petrolífero no consumo dessa mão de obra tem um viés de queda pequeno, porém, um pouco mais sólido. Entretanto, como já foi dito, isso não representa um desemprego massivo em marcha, mas uma reconfiguração do cenário trabalhista local.

Na rodoviária vê-se menos passageiros indo e voltando, sendo perceptível que houve um decréscimo populacional, além de ocorrer uma redução no movimento pendular que trazem diariamente trabalhadores para executarem seus papéis em Macaé. A crise veio com força, afetando as classes médias urbanas, especificamente grupos com formação e salários considerados "medianos". Entretanto, o movimento de pessoas tentando o sucesso em Macaé, umas conseguindo fixar-se e prosperar na cidade, outras tantas fracassando e regressando à terra natal, não é novidade. Houve uma acentuação entre 2015 e 2016, mas a situação começa a se normalizar.

Dentro dessa perspectiva, nota-se, ao sair às ruas, que há muitos buscando sustentar suas famílias dirigindo veículos da Uber, vendendo comidas variadas de porta em porta, empresa em empresa, pessoas usando a criatividade para garantir o bem-estar dos seus, bem como empresas retomando atividades depois de um grande baque econômico.

Portanto, o mundo do trabalho em Macaé parece se recompor, marcado por uma maior presença da informalidade, com o empreendedorismo na ordem do dia. É possível destacar que o processo de reestruturação econômica macaense ocorre também sobre outras bases, menos circunscritas ao mercado petrolífero, embora ainda vinculada em grande proporção a tal setor. Pode-se destacar também que a nova empregabilidade em construção se apresenta com salários menores e menos benefícios, mas com a volta de oportunidades no mercado, seja ele formal ou informal.

NOTAS

¹ Gestor Público na Secretaria Municipal Adjunta de Patrimônio, Prefeitura de Macaé. Doutorando em Sociologia pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ. Professor C, Ciep 371 - Leonel de Moura Brizolla, Prefeitura de Macaé. Endereço Institucional: Av. Presidente Sodré, 466 - Centro, Macaé - RJ. Email: felipelour@gmail.com.

² <http://dapp.fgv.br/o-rio-em-perspectiva-desemprego-ainda-crescente/2017>. Acesso em 18 de março de 2019

³ <https://www.abdib.org.br/2016/02/05/fornecedores-de-oleo-e-gas-fecham-as-portas-em-maca/>

⁴ https://www.odebateon.com.br/site/noticia/detalhe/39282/cenario-economico-muda-estrutura-da-rede-hoteleira?no_redirect=true. Acesso em 18 de março de 2019

⁵ (Piquet, Monteiro Pessoa & Tavares, 2017:210)

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *Vidas Desperdi adas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. * tica Pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BURGOS, Marcelo Baumann. Cidade, Terr rios e Cidadania. *Dados*, v. 48, n. 1, 2005.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma cr nica do salário*, Petrópolis, Vozes, 2003.

_____. *A discrimina o negativa: cidadãos ou autóctones?* Petrópolis: Vozes, 2011.

CORDEIRO GOMES, Renato. *Todas as Cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DUFOUR, Dany Robert. *O Divino Mercado: A Revolu o Cultural Liberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LEFEBVRE, H. *A revolu o urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999

_____. *O Direito   Cidade*. São Paulo: Centauro, 1964

OLIVEIRA, Francisco de. *O Elo Perdido: Classe e Identidade de Classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINTO JUNIOR, H. Q. et al. (org.) (2007). *Economia da energia: Fundamentos econ micos, evolu o histórica e organiza o industrial*. Rio de Janeiro, Elsevier.

PIQUET, Ros lia; TAVARES, Érica & MONTEIRO PESSOA, João. Emprego no setor petrolífero: dinâmica econ mica e trabalho no Norte Fluminense. *Cad. Metrop. São Paulo*, v. 19, n. 38, pp. 201-224, jan/abr 2017

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michael. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1998.